Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER ESCUTAR: RELAÇÕES ENTRE O OLHAR E A VOZ EM PSICANÁLISE

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: O artigo parte dos pontos de ligação entre um ditado popular e a psicanálise: há a cegueira do pior cego se fazendo ativamente cego à verdade, e também aquela fruto do encontro com a verdade – cegueira esta presente nos três tempos da constituição do olhar. A verdade comparece como um elemento que vem barrar, impedindo que o sujeito se mantenha com as mesmas convicções. Olhar e a voz são também comandados por discursos como a propaganda e o marketing, os quais promovem diferentes posições subjetivas para abordar o mundo. Se o olhar e a voz podem ser transformados em objetos que causam a busca de um gozo inédito, é menos pelo que eles mostram, e mais pelo que sugerem, ou seja, pelo que encobrem da realidade.

Palavras-chave: cegueira; escutar; olhar; psicanálise; verdade; voz.

São Paulo
2023

THE WORST BLIND IS THE ONE WHO DOESN´T WANT TO LISTEN

Abstract: The article starts from the points of connection between a popular saying and psychoanalysis: there is the blindness of the worst blind who is actively blind to the truth, and also blindness arising from the encounter with the truth – blindness which is present in the three stages of the constitution of the gaze. The truth appears as an element that hinders, preventing the subject from maintaining the same convictions. Gaze and voice are also controlled by discourses such as those of advertising and marketing, which promote different subjective positions to approach the world. If gaze and voice can be transformed into objects that cause the search for unprecedented enjoyment, it is less because of what they show, and more because of what they suggest, that is, what they hide from reality.
Keywords: blindness; gaze; listening; psychoanalysis; truth; voice.

O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER ESCUTAR: RELAÇÕES ENTRE O OLHAR E A VOZ EM PSICANÁLISE

O ditado popular "O pior cego é aquele que não quer ver" transmite com clareza que o pior cego é aquele que não quer enxergar o que está diante de seus olhos. E ele assim se mantém, diante de um outro que admite a verdade como decisiva. A tal ponto que, somente se fazendo de cego, como pior cego, o sujeito deixa de admitir a verdade diante de seus olhos, totalmente possível de ser reconhecida.

É notável que a tradição popular tenha feito comparecer um elemento em comum com a psicanálise, qual seja, a admissão expressa, em cada um dos termos que compõem o ditado, da existência de uma cegueira que é produzida com o objetivo de não ver, de não ser afetado pela verdade. A verdade é vista através de um elemento que vem barrar, impedindo que o sujeito se mantenha com as mesmas convicções, os mesmos pontos de vista e sentidos. Se ele não tem mais como continuar vendo o mundo, experimentando-o da mesma forma, na mesma posição, depois de entrar em contato com a verdade, é somente porque ele consentiu em deixar cair a posição de pior cego. É quando passa de pior cego a cego pela verdade. Não foi outra a experiência de Édipo ao final da peça de Sófocles (430 a. C?). Ao arrancar os próprios olhos, Édipo mostra os efeitos produzidos pela verdade da qual o homem não pode escapar impune. Pelo mito se revela a punição do assassinato do pai e a transgressão das núpcias com a mãe. Mesmo que Édipo não soubesse, a cegueira virá marcá-lo como impossível de redenção.

Outro ponto de ligação do ditado popular com a psicanálise é que, junto à cegueira do pior cego se fazendo ativamente cego à verdade, há também a cegueira que é efeito do encontro com a verdade. Nesse caso, a cegueira passa da condição do pior cego àquela que é constitutiva de cada um. Iniciar uma articulação que procure mostrar a relação entre o olhar e a voz em psicanálise leva a ressaltar que, devido à estruturação de cada ser falante pela linguagem, a cegueira e a surdez nos são constitutivas. Pela experiência se constata que a linguagem, ao ser condição do inconsciente, determina que aquele que fala não seja coincidente com aquele de quem se fala.

No caso da cegueira, ela se encontra presente nos três tempos da constituição do olhar.

O primeiro tempo corresponde à cegueira que é própria aos momentos iniciais do nascimento, produzindo uma limitação da percepção e do reconhecimento dos objetos no mundo ao redor. O recém-nascido enxerga sem nitidez, vendo somente contrastes de cor. Tanto é assim que o tamanho de seu olho é três vezes menor do que o normal. Entre cinco e seis meses

a visão começa a se desenvolver de fato, ainda que a plena capacidade de realizar diferenciações demore cerca de mais de quatro anos para se firmar.

A condição de se reconhecer como portador de um olhar só é possível em função dos diferentes tipos de investimento do Outro que permitem ao sujeito se reconhecer como eu, a partir do estádio do espelho (LACAN, 1949/1988), entre os seis e dezoito meses. Nessa experiência de estruturação da imagem "unificada" de si mesmo, o sujeito ratifica que, ao ser olhado pelo Outro, conquista a capacidade de olhar o mundo com os seus próprios olhos. Essa condição irá avançar numa ligação entre o desenvolvimento cerebral e o desejo do Outro que o anima. Pode-se notar que o investimento que o Outro realiza para olhar o sujeito, reconhecendo-o, decide pela possibilidade tanto de olhar para si mesmo, seu próprio corpo, quanto de se fazer ser olhado de forma amada e admirável. Tais momentos de estruturação não vêm sem o investimento da voz: tanto é assim que, mesmo nascendo cego, o sujeito se "verá" pela voz que o identifica e distingue.

O segundo tempo se estrutura por via da instalação de um circuito visual que se manifesta na relação da mãe com o bebê. É o tempo da troca de olhares, seja de admiração, seja de interrogação sobre o sentido de algumas manifestações. Fica evidenciado que o circuito do olhar entre a mãe e a criança estabelece uma distinção entre o ver e o olhar. Entende-se aqui que a mãe se faz olhar pela criança com o objetivo de que ela, criança, se dirija à mãe. O olhar introduz a erogeneização, a libidinização do olho pelo desejo, de maneira a que a criança invista suas atenções e apelos no mundo da mãe, estruturado pela ausência-presença desta.

Afirmar que há uma cegueira que é constituída com a mãe é o mesmo que admitir que a criança seja estruturada, investida desejantemente pelo olhar dela. Esse olhar priva o sujeito de ser inteiramente visto. Ele é olhado pelo que de desejo comparece no olhar dela, mãe. Esse olhar, tanto quanto seu desejo, é estruturado por um limite. Ele não é total, ainda que participe, em muitas ocasiões, de uma tendência ao panóptico.

A cegueira que o olhar da mãe introduz tem a ver com a condição de ela ser castrada, daí que olha e investe no filho de forma parcial. A outra parte dele continua cega a ela, assim como ao sujeito, que nela se liga para ser visto, amado e atendido. Mas é exatamente porque a mãe é cega, ou seja, marcada pela castração, que ela abre para a criança a condição de fazer de sua cegueira, a da mãe, passagem para ser visto de Outro lugar.

É o momento da entrada em cena do sujeito, momento esse que é a comemoração de uma perda. O sujeito perde o discurso do Outro a partir do momento em que o ressignifica, sendo olhado, portanto, de Outra maneira. Tanto quanto perde a condição de objeto de

satisfação e de admiração com quem mantinha uma suposição de precisar se manter num mesmo lugar, para ser amado e admirado.

O terceiro tempo de estruturação da cegueira, bem como do olhar, se efetiva a partir do momento em que a parcialidade do olhar não se encontra mais determinada pela correspondência do sujeito ao Outro, mas pelas limitações que lhe são próprias. Assim, tanto a cegueira como a surdez são motivos de um espanto que leva o sujeito a buscar o que foi perdido e que agora comparece como causa de procura de Outra coisa.

Ao seguirmos o ensinamento freudiano somos levados a considerar que a cegueira é efeito de o objeto de satisfação dos primeiros momentos da existência se apresentar por traços, marcas e, por isso mesmo, a alucinação é um recurso do qual o infans se vale para dar sustentação, fugidia, a uma imagem do objeto que lhe promoveria uma satisfação absoluta. Assim, podemos reconhecer que o objeto de satisfação parcial, chamado objeto pulsional, é causa de reinvestimento do sujeito para renovar sua busca constante.

Acompanhando Freud, podemos reconhecer que não é somente a título de inclusão da cegueira na constituição que sua contribuição avançou. Além disso, ele mostrou que há uma relação entre cegueira e voz, estabelecida pelo supereu, enquanto instância definida como responsável pela proibição e causadora de excitação para a transgressão da Lei da linguagem, que é condição do desejo.

No artigo de 1910, intitulado *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, ele atribui à cegueira um efeito de punição por ter o sujeito desejado ver uma cena de transgressão da proibição de desejos incestuosos. Ao ter consentido nisso, o sujeito é punido como forma de interromper esse tipo de investimento. Diz Freud:

> Quanto ao olho, estamos acostumados a interpretar os obscuros processos psíquicos implicados na repressão da escopofilia sexual e no desenvolvimento da perturbação psicogênica da visão, como se uma voz punitiva estivesse falando de dentro do indivíduo e dizendo: 'Como você tentou utilizar mal seu órgão para prazeres sensuais perversos é justo que você nunca mais veja nada', é como se, desta maneira, estivesse aprovando o resultado do processo. (p.133).

Uma vez que a voz de punição do supereu age sobre os desejos incestuosos do sujeito, impedindo-o de enxergar, não somente se reafirma a ligação entre o olhar e a voz, mas, mais além, Freud alude à condição do inconsciente como lugar dos desejos que foram recalcados, afirmando que lá o sujeito continua a ver. Considera que a causa desse tipo de cegueira não é orgânica, daí a possibilidade de tratá-la via abordagem dos desejos recalcados, reconhecendo-os, elaborando-os.

As chamadas curas milagrosas promovidas por alguns médiuns encontram aqui seu fundamento. Prometendo ao sujeito a recuperação da visão, ato contínuo desculpabilizam-no por ter desejado olhar seus desejos incestuosos serem realizados.

Uma vez que a voz e o olhar se mantêm ligados pela presença do supereu como voz que pune com a cegueira, podemos afirmar que tal imperativo – Não verás – é determinante para o funcionamento de órgãos, tais como os da visão. Nesse sentido, o corpo, para a psicanálise, não é coincidente à reunião de órgãos, que se exercitam com maior ou menor competência fisiológica. O corpo é composto por bordas que são libidinizadas, investidas pelo Outro e pelo sujeito, de modo que esses orifícios possam se constituir como zonas erógenas – zonas essas que serão investidas, a partir do desejo do Outro.

Não é preciso se encontrar tão intimamente próximo da Psicanálise para poder admitir que as pulsões escópica e invocante não compareçam sempre ligadas, o tempo todo. Fazer com que o bebê vire seu rosto para olhar na direção do lugar onde reconhece como sendo de origem da voz reafirma a ligação entre a voz e o olhar. Por outro lado, ao colocar a análise na direção do olhar, podemos admitir que o encantamento da criança pelo olhar da mãe, fazendo-se olhar por ela, é uma experiência que se separa da voz como decisiva, enquanto elemento sonorizável. Em contrapartida, ao afirmar que "a paranoia é a voz que sonoriza o olhar, o qual se faz assim prevalente", na sessão do dia 8 de abril de 1975, do Seminário R.S.I.[1], Lacan nos ensinou a condição de comando que a voz pode assumir, retirando de cena o sujeito.

Nessa montagem, que é a da paranoia, o olhar assume um Outro estatuto: que não é mais semelhante ao do pior cego, uma vez que este havia consentido na negação, na recusa ou no recalque da verdade. O consentimento do sujeito à paranoia que o leva a sonorizar o olhar não é igual ao do pior cego. Nesse caso, o poder de decisão ficou obstruído pela presença invasiva do Outro, que faz seu olhar ser sonorizado pela voz do Outro, o qual praticamente decide o que é visto.

Assim, parece ser mais apropriado falar de mártir do olhar, como sinônimo daquele que vê a partir de sua própria invasão. Encontramo-nos, aqui, nos arquivos existentes das pinturas que retrataram as imagens de invasão que anunciavam o fim dos tempos. Os diferentes pintores que se ocuparam de pintar as imagens do Apocalipse fizeram suas obras em telas de grandes dimensões. Por quê?

---

[1] "La paranoïa, c'est pas ça, la paranoïa, c'est un engluement imaginaire .C'est la voix qui sonorise, le regard qui devient prevalente,cést um affaire de congélation dún désir (...)". p. 69. Lacan, Jacques. R.S.I. (1974-75), Leçon 9, 08 Avril 1975. " http://staferla.free.fr/S22/S22%20R.S.I..pdf

Estão aí a nos mostrar as diferentes devastações, tanto subjetivas quanto coletivas. As telas são de grandes proporções, tais como são grandes as devastações que estão à nossa volta. Ainda assim, é preciso fazer ver em grandes proporções, de forma a fazer barreira à cegueira que reina à custa de não querer admitir os efeitos da verdade, enquanto aqueles que são também escutados. Portanto, é preciso fazer barreira às vozes que seduzem os sujeitos a se fazerem piores cegos. Agora, devido à ligação entre o olhar e a voz, o pior cego é aquele que não quer escutar. Portanto, em função da relação entre a voz e o olhar, como objeto causa de desejo, o pior cego é o nome da posição do sujeito que curto-circuita, impedindo a ligação do que se vê com aquilo que se ouve.

Uma vez que se trata de olhar, não se considera mais o que é visto, mas sim sua ligação com o querer ver. Freud (1909/1996) mencionou o querer ver como uma atividade típica do olhar, em uma das suas cinco psicanálises, a do caso Hans. Essa criança procurava tocar os genitais femininos, em particular os da mãe, em busca do falo, como sinônimo de objeto faltante, mas que é responsável pela organização de uma crença que vai determinar os diferentes tempos da estruturação do sujeito.

De forma a dar prosseguimento à ligação entre o olhar e a voz, permitindo que se reescreva o ditado popular para "O Pior Cego é aquele que Não Quer Escutar", vale a pena considerar que o olhar e a voz são também comandados por discursos como a propaganda e o marketing, os quais promovem diferentes posições subjetivas para abordar o mundo, implicando-se com ele.

Marx (1867/1966) já havia notado o fetichismo como montagem rigorosa para engendrar o ciclo de produção da mais-valia e do consumo das mercadorias. Por isso mesmo, sua contribuição é decisiva para situar de que maneira, na economia capitalista de mercado, os sujeitos são levados a consumir, seduzidos que estão pelo caráter fetichista da mercadoria.

Em seu texto sobre o fetichismo, de 1927, Freud nos esclarece que "o fetiche é um substituto para o pênis", mas

> (...) não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção (p.95).

Nos termos da elaboração freudiana, o fetiche é um objeto que vai cumprir a função de manter a cena da completude da mãe, enquanto um Outro que, assim, garantiria ao sujeito não ter de se haver com os efeitos da castração, como a angústia. Nesse sentido, o caráter fetichista

da mercadoria se encontra na dependência de um tipo de instrumentalização do mercado que confere a elas, mercadorias, uma promessa de satisfação inédita, ilusória, tal com o fetiche. Tão mais efetiva é essa promessa quanto mais o fetiche é agenciado ao mesmo tempo pelo olhar e pela voz – agenciamento esse que, ao refazer a ênfase no valor de uso com brilho, compõe uma cena onde as intempéries da vida cotidiana desaparecem.

Nos termos apresentados acima, o olhar e a voz participam como objetos que fixam uma promessa de satisfação. Portanto, ao imobilizar o sujeito numa cena fantasiosa, cumprem a função de objetos que renovam uma aposta pela busca de um gozo sem interdito.

Se o olhar e a voz podem ser transformados em objetos que causam a busca de um gozo inédito, é menos pelo que eles mostram, e mais pelo que sugerem, ou seja, pelo que encobrem da realidade. Então, há uma diferença significativa entre a apreensão do olhar e da voz como objetos-causa de gozo e sua acepção como causa do desejo. Diferentemente da promessa de gozo que fixa o sujeito numa fantasia, a condição do olhar e da voz como causa de desejo os apresenta como responsáveis pelo agenciamento de perda, e não de posse. É somente ao se deixar cair do lugar que ocupava como objeto amado e de admiração para um Outro que o sujeito realiza, por via de diferentes repetições, o avanço na sua particularidade.

Da mesma forma, ao insistir na realização de novas posições subjetivas, o sujeito faz cair o discurso/desejo do Outro que o constituiu. Condição essa em que a renovação de sua aposta não se fundamenta mais na posse de um objeto, mas, sim, pela perda e deslocamento causados por uma busca que é condição de reinvenção.

Só se pode apreender que o pior cego é aquele que não quer escutar na medida em que se admite que a ignorância seja uma das paixões que nos cativa. E ela se torna tão mais dominante quanto mais a cegueira e a surdez se reúnem na comemoração do gozo da estupidez.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1927/1996). Fetichismo. Trad. Jayme Salomão. O Futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931). **Edição** standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI, pp. 92-98). Rio de Janeiro: Imago. Disponível em: http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf

_____. (1910/1996). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. Trad: Jayme Salomão. In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. **Edição** standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. XI, pp.129-134). Rio de Janeiro: Imago. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1bozfqh1STp1QgdGW11nCMhVM320xR3xF/view

_____ . (1909). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In: _____. **Edição** standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradutor: Salomão, vol. 10, pp. 11-134). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

LACAN, J. (1974-1975). **O Seminário 22: R.S.I**. Disponível em: https://www.lutecium.org/Jacques_Lacan/Media/pdf/1974.11.01-22-rsi.pdf

_____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Marx, K. (1967). O processo de produção do capital. In: _____ **O capital: crítica da economia política, vol.1, livro primeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1966.

SÓFOCLES OF COLONOS, (430 a.C?) **Édipo rei**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000024.pdf

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGAMBEN, G. Vocação e voz. In: _____. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

DIAS. M. M. (2019). **Vídeos da Oficina da Voz.** Instituto Vox www.voxinstituto.com.br/Instituto Vox no Youtube.

_____. A voz da tanatopolítica. In: André Oliveira Costa, Gabriela Gomes Costardi, & Paulo Cesar Endo (org**.). Psicanálise e teoria política contemporânea**. São Paulo: Editora Annablume, 2018, pp.211-220.

_____. A voz do telepata. In: _____. A voz na experiência psicanalítica. III Jornada Seminário Fundamentos da clínica do psicanalista pelas psicoses**. Instituto Vox**. São Paulo: Editora Zagodoni, 2014, pp.153-156. Disponível em: https://pdfcoffee.com/a-voz-na-experiencia-psicanalitica-digital-pdf-free.html

DIDIER-WEILL, A. **Os três tempos da Lei.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

LACAN, J. (1974). Televisão. In:_____. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1969). Notas sobre a criança. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp.369-370, 2003

_____. (1964***).* Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-11-Os-quatro-conceitos-fundamentais-da-psicanalise.pdf

MALISKA, E. M. **A voz na psicanálise.** Curitiba: Ed Juruá, 2015.

MUSIL, R. (1937). **Sobre a estupidez** (Simone Pereira Gonçalves. Trad.). Veneza, Itália: Ed Âyiné, 2016

SAGAYAMA, M. **Ele fala de si como de um outro: ensaio sobre a voz em Samuel Beckett.** São Paulo: Ed. Annablume, 2018.

VIVES, J-M. **Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018.

_____. **A Voz na Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Contra Capa Ed., 2012.